

COLE SANT'ANA

TEATRO NO RIO - A. ACCIOLY NETTO

"EU VOU PARA MARACANGALHA"

POE mais que se quer convencer, pelo muito que tem a visto nos mais variados pontos do mundo, que o teatro musicado viva bem dentro de chamada "fórmula tradicional", continue certo de que essa linha de produção não funciona mais, dentro do progresso constante que vem sendo impresso no negócio teatral. Ainda até agora pode constatar que o novo cartaz do "Folies Bergère", que em nada difere da velha produção do "Cidade de Paris", ou do homônimo "show" de "Lido", muito embora tentem arrumar seus quadros dentro de um tema, ainda não conseguiram encontrar o caminho verdadeiramente criativo, para dar um maior impulso a este gênero de espetáculo, que por isso mesmo está em caminho da decadência. O recurso dos quadros luxuosos com abundância de plumas, sedas, veludos e bordados, não impressiona mais, como já desinteressam as mulheres despidas. Evidentemente, em Paris, onde o teatro musicado é quase que exclusivamente frequentado por turistas, que não entendem francês, tais revistas ainda alcançam ilustre sucesso, ao, pelo menos, repercutir de bilheteria, muito embora estejam perdendo de um grande público parisiense, que prefere a ópera. Em New York e Londres, onde o espectador que fala inglês está em absoluta maioria, a revista de "fórmula internacional" não mais existe senão nos cabarets e cinemas, como complementos de filmes, sendo substituída pelo "musical comedy" que é, em última análise, a ópera modernizada. Por que então, nós que não temos correntes turísticas estrangeiras, e que dispomos de recursos muito menores que qualquer centro teatral do mundo, insistimos em seguir métodos arcaicos e cegos, que transformam nossos musicais numa monótona e cansativa série de quadros pobres, em apresentação cínica, e indigestos em texto cômico? Ir ao Teatro Recreio ou ao Teatro Carlos Gomes é a mesma coisa, tal a similitude de suas produções, e a amanhã irá inaugurar outro espetáculo no Teatro João Caetano, o espectador mais atinado não poderá distingui-lo dos "e resultados" e "respostas" e "revelações" que são publicadas das revistas, que atualmente só conseguem sobrevivência maior que dois ou três meses (no máximo) em cartaz, graças mais de lamentáveis traques de publicidade. Para a nova revista de Colô, no Teatro Recreio, mesmo que não tivéssemos recebido um aviso prévio da empresa dizendo que seria apenas uma coletânea de números, a respeito do APCC comparáremos onze críticos (mais um que chegou a tempo apenas para nomear o espetáculo), que em condições de tão precárias condições rigorosas do regulamento (atividade de crítica pelo menos durante dez meses do ano). Em alguns setores, por motivo pessoal, alguma crítica foi impedida de comparecer, obtendo-se de votar. O resultado foi o seguinte: Personalidade de Teatro do Ano de 1956 - Sérgio Cardoso, única homenagem de Teatro pelo Voto montepere, e interpretação do "Hamlet", repertório apresentado pela sua companhia. Eleito por unanimidade (doze votos).

Melhor espetáculo - "Casa de Chá do Luar de Apósto", de João Petric, apresentação pelo TBC - Por unanimidade (otto votos e três abstenções).

Melhor autor vivo de peça nacional - Maria Clara Machado, por "Pluft, o Fantasminha", com quatro votos. Abílio Pereira de Almeida obteve três votos e houve quatro abstenções. Votamos no vencedor.

Melhor tradutor - Orestes da Pennafort, pela tradução de "Oleto" para a CTCA, com dez votos. Péricles de Silveira dos Reis, por "Hamlet", obteve um voto. Votamos no vencedor.

Melhor diretor - Maurice Varnaueu, do TBC, com sete votos. Adolfo Celso obteve um voto e houve três abstenções. Votamos no vencedor.

Melhor intérprete feminino - Tônia Carrero, da CTCA, com cinco votos. Margarida Rey, Cecília Becker, e Cleide Yaconis obtiveram um voto cada e houve três abstenções. Votamos em Margarida Rey pelo seu trabalho em "Entre Quatro Paredes".

Melhor intérprete masculino - Paulo Autran, da CTCA, com seis votos. Ziembiński obteve dois votos e houve três abstenções. Votamos no vencedor.

drós sejam mais que centonárias. Da mesma forma, a maioria dos "sketchs" cômicos são arrastados e longos em demasia, os quadros de "fantasia" são pobres em enenação e bailados. Entretanto, o que nos leva a assistir "Eu vou para Maracangalha" até o fim, e por vezes com bastante agrado, é seu elenco, onde existem artistas de boa classe em seu gênero, a começar por Lilián Fernandes, uma das mais interessantes vedetas que já pisaram nossos palcos. Neste particular, deve dizer que, no momento, há uma grande falta de vedetas, mesmo em Paris onde depois da fascinante Yvonne Monéard, atualmente fora dos palcos, não aparece nenhuma "estrela" de teatro musicado digna de atenção. Foi ela, ao que parece, a última figura da brilhante galeria que teve em Yvette Guilbert, Colette Willy, Palairé, a bela Otero, Liane de Fouzy, Cleo de Merode, Cecile Borel, Gaby Desly, Mistinguett e Yvonne Printemps suas figuras máximas. Ou mesmo Josephine Baker, que foi um caso à parte. Entre nós, que já tivemos nomes prestigiosos a rememorar famosas revistas do passado, como Margarida Marx, Aracy Cortes, Glória de Azevedo e ultimamente Mara Hédia, tenho a segurança de que Lilián Fernandes seja a que maiores qualidades possui para ser uma grande vedeta. Ela possui físico, graça, presença cênica, uma voz agradável, e, sobretudo, uma enorme comunicação com o público, fator indispensável para o triunfo na passarela. Pena que não encontre um empresário que a coloque em verdadeira evidência, criando quadros, dedicando-lhe a ela, numa posição de estrela, devidamente amparada por uma boa dirigida publicidade. Em "Eu vou para Maracangalha", aparecendo em igualdade de condições com as chamadas "predelinas" (que deveriam integrar a corte de "grit", libertando-a daquele lamentável grupo de moças desgraciaças que nem sabem pisar um palco) muito embora sua presença em cena seja sempre notada com especial interesse pelo Outro fator de agrado de "Eu vou para Maracangalha" é a série de cômicos que salva da senariedade os seus intervalos "kitch". São, com um cômico sempre pessoal e espontâneo em todas as suas apresentações, Almeida e Estelito Marçal, este principalmente, cujas atuações são sempre no sentido de valorizar textos e situações. Helena Amaral, Rosita Lopes, Suzy Monte, Joana D'Água, Dalila, Nilza Bemis, são as "redelinas", e David Dupuy, que comanda os bailados, pouco tem o que fazer diante de um grupo nuceo de coretas principiantes, e mesmo com sua "parfumeira" Eleonora Orloni. Cenários pobres e guarda-roupas apertadas: quanto ao elenco musical também pouco há o que dizer, apenas aproveitando ao máximo, com insistência mesmo, o belo samba de Caymmi, "Eu vou para Maracangalha", que o próximo carnaval vai tornar insuperável.



LILIAN FERNANDES

TEATRO EM S. PAULO - CLÓVIS GARCIA

Melhor coadjuvante feminino - Margarida Rey, com quatro votos. Bete Genuer obteve dois votos, Rita Nizitz e Odete Lara, um voto cada, e três abstenções. Votamos em Bete Genuer.

Melhor coadjuvante masculino - Ziembiński, com cinco votos. Jorge Fischer Jr. obteve dois votos e Felipe Wagner, um voto, três abstenções. Votamos no vencedor. Houve discussão se Ziembiński poderia ser considerado coadjuvante, mas a assembleia decidiu que seu trabalho em "Gita em Teto de Zinco Quente" deveria ser incluído nessa classificação.

Melhor cenógrafo - João Maria dos Santos, do TMDG, com quatro votos. Irineu Maia obteve dois votos, Eduardo Sühr e Aldo Celso, um voto, três abstenções. Votamos em Irineu Maia.

Melhor figurinista - Aldo Celso, com sete votos. Eduardo Sühr obteve um voto e houve três abstenções. Votamos no vencedor.

Melhor espetáculo amador do ano - "Pluft, o Fantasminha", de Teblido, com sete votos. "Os Namorados", de Goldoni, ICIB, obteve três votos. Uma abstenção. Votamos no vencedor.

Revelações do ano - De autor, não foi concedido. O diretor, Augusto Boal, por "Ratos e Homens", por unanimidade. De atriz, Maria Helena, por "Casa de Chá do Luar de Apósto", com seis votos, e segundo escrutínio. Em primeiro escrutínio houve empate entre Maria Helena, Berta Zemel ("Hamlet") e Maria Dinah ("Rom Tatuado") com três votos cada, tendo Vera Gertel ("Das Pelizes") obtido dois votos. No segundo escrutínio, Berta Zemel obteve quatro votos e Maria Dinah um voto. Votamos em Berta Zemel nos dois escrutínios. De ator: Gianfrancesco Guarnieri, por unanimidade. De cenógrafo não foi concedido. De figurinista: Willis de Castro, com nove votos, em um branco e uma abstenção.

Premiões especiais - De acordo com o regulamento, foram concedidos três prêmios especiais: a Alfredo Mainardi pelo seu trabalho à frente da Escola de Arte Dramática; a Silveira Sampaio, como produtor, autor, diretor e intérprete de "No País dos Candelários"; e Consuelo Leandro, como melhor intérprete de revista musical.